

# Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.  
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.



## Peregrinação de Janeiro 13

O dia 13 do primeiro mês do ano apresentou-se, desde as horas mais matutinas, tranqüilo e ameno, mesmo de temperatura agradável. O sol apareceu num céu limpo de nuvens, tendo o brilho pálido próprio desta quadra do ano e aquecendo frouxamente o ambiente, sobretudo no cume da serra. Alta madrugada caíra abundante geada que envolvia os campos num extenso lençol de imaculada alvura.

Os peregrinos que nesse dia acorreram ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima na Cova da Iria para tributar as suas homenagens de piedade filial à excelsa Mãe de Deus e Mãe nossa eram, na sua grande maioria, da freguesia da Fátima e das povoações circunvizinhas.

Que benefício incomparável constitui para toda essa região a proximidade de um foco tão intenso de vida sobrenatural, onde os seus habitantes podem, quasi sempre sem sacrifício apreciável, haurir preciosas graças de santificação e de salvação!

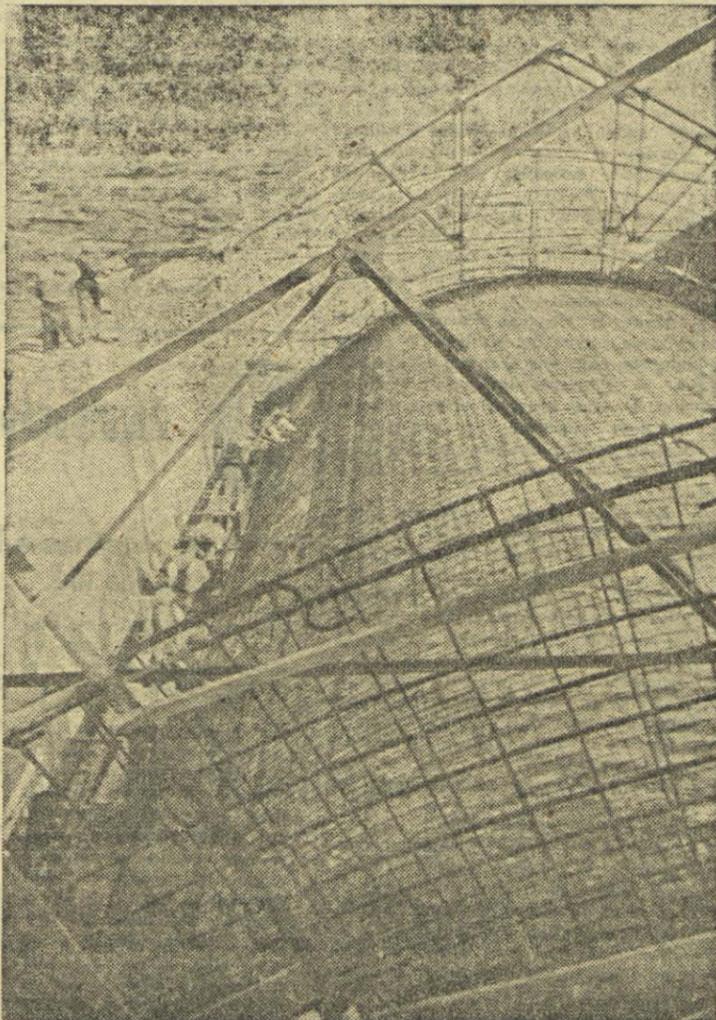
O altar que se encontrava em frente da igreja das confissões voltou a ser colocado onde esteve primitivamente e foi aí que se celebrou a Missa dos doentes.

A hora do costume, rezado em comum o terço do Rosário junto da capela das Aparições, fez-se a procissão com a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima que, no fim da procissão, foi assente sobre o pedestal que está ao lado do altar, próximo da porta principal da igreja das confissões.

Celebrou a Missa o Rev.º P. António dos Reis, director espiritual do Seminário de Leiria. Fez a homilia o antigo director espiritual do mesmo Seminário, onde dera recentemente um retiro aos alunos, rev.º P. Arnaldo de Magalhães, S. J.

No fim do santo sacrificio realizou-se a exposição solene do Santíssimo Sacramento. Entoadado um *motete* pela multidão, o celebrante deu a bênção eucarística a cada um dos doentes, que eram em pequeno número. Entretanto, o rev.º cônego dr. Manuel Marques dos Santos, reitor do Semi-

## Abóbada da igreja do Santuário de N.ª S.ª da Fátima



A fotografia mostra parte da armadura da abóbada em cimento armado.

Esta abóbada que será invisível do interior da igreja, é constituída por um grande casquilho em cimento armado com 21,60 metros de vão longitudinal, encastrado em 2 vigas curvas com 16,80 metros de abertura.

São os 4 apoios destas 2 vigas que transmitem a 4 pilares da basílica e só nestes pontos, toda a carga da abóbada (350 toneladas, isto é, como o peso de um comboio de 25 vagões carregados).

Ao casquilho com nove centímetros de espessura é fixada a parte decorativa em pedra talhada formando o intra-dorso.

Nesta obra em cimento armado gastaram-se 10.500 Kgs. de ferro e 105 metros cúbicos de betão de 330 Kgs. de cimento por m<sup>3</sup>.

É de notar que esta obra como todas as do Santuário é custeada só com as esmolas dos fiéis sem qualquer auxilio do Governo.

A direcção da construção desta abóbada, única no país, deve-se ao Senhor Engenheiro Rocha e Mello, servito, director da Fábrica de Cimentos Lis da Maceira.

nário diocesano de Leiria e Vigário Geral da Diocese, proferiu as invocações habituais.

Depois do *Tantum ergo*, foi dada ao povo a bênção geral com o Santíssimo Sacramento.

Efectuou-se em seguida a última procissão, tendo sido a imagem de Nossa Senhora reconduzida para a Capela. Feita a consagração dos fiéis à Rainha dos Anjos e cantado o *Adeus*, os fiéis começaram imediatamente a disper-

sar, para que a noite os não surpreendesse no caminho durante a jornada de regresso às suas terras.

Eram pouco numerosos os sacerdotes presentes, os quais, por esse motivo, tiveram um trabalho longo e extenuante no tribunal da Penitência, devido ao grande número de pessoas que queriam purificar as suas almas para receber o Pão dos Anjos.

VISCONDE DE MONTELO

## ACÇÃO CATÓLICA

# Espírito de Caridade

Não há que duvidar: Sem espírito de caridade, não se faz apostolado que subsista.

Por isso, a caridade é virtude fundamental na Acção Católica.

É bem de ver que não se reduz a caridade às suas manifestações exteriores, traduzidas nas obras de misericórdia, chamadas habitualmente corporais; mas alarga-se a sua amplitude a todas as obras que nascem do amor de Deus, e da certeza que na pessoa do próximo está o próprio Deus.

Sucedem até que a generosidade em bens materiais não é sempre a modalidade mais perfeita da caridade. Decerto, como já se notou, é bom ter larga a bolsa, mas é ainda melhor ter largo o coração, iluminado e aquecido pelo amor de Deus.

Há pois que ver o Senhor na pessoa de todos os homens. Este é o fundamento da caridade, a qual leva a amar os homens por amor de Deus.

Na poesia ingénua que descreve a generosidade compassiva dum lavrador para com o pobre que levou no seu carrinho, a quem depois serviu à mesa, e mandou fazer a cama, com a melhor roupa que tinha, e a quem, noite alta, foi encontrar transformado no próprio Senhor Jesus, nessa poesia graciosa, há traços de rigorosa verdade teológica: Jesus está presente nos pobres.

Martinho, di-lo a tradição, ainda simples catecúmeno, não tendo mais que dar a um mendigo que encontrou no seu caminho, fez-lhe presente de metade da sua capa. Na noite seguinte, verificou ser Cristo que ele beneficiara.

Na exposição sumária do que será o juízo final, o Senhor diz aos eleitos que, tendo exercido a caridade para com os pobres, na realidade a exerceram para com: Ele próprio. Por isso serão benditos de seu Pai.

Fabiola, nobre dama romana, lavava com extremos de amor as chagas dos miseráveis, na certeza de que, procedendo assim, lavava as chagas do Senhor Jesus Cristo.

Toda a tradição cristã se encerra na legenda lapidar de certo hospital suíço — *Christo, in pauperibus*: A Cristo, presente na pessoa dos pobres.

Formam legião os pobres da fé. Vai para vinte séculos que o Senhor nasceu em Belém, e, apesar de tanto tempo decorrido, é incontável o número daqueles que não O conhecem, nem compreendem, nem O amam.

É dever de caridade ir ao seu encontro, e mostrar-lhes os ricos tesouros de graça que têm de possuir, para se realizarem totalmente, no tempo e na eternidade.

A isso tende a Acção Católica.

Na medida em que o conseguir, contribuirá para que se alargue na terra o Reino de Deus.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

## RETIRO ESPIRITUAL

A principiar no dia 19 de Fevereiro, para terminar a 23 de manhã, haverá um retiro espiritual no Santuário de Nossa Senhora da Fátima para os senhores servitas. Podem tomar parte no mesmo retiro vicentinos e outros homens, havendo lugar.

Quem queira inscrever-se, deve dirigir-se ao Rev. Reitor do Santuário (Cova da Iria) ou ao Rev. Cônego Dr. Marques dos Santos, Reitor do Seminário de Leiria.

## AVISO Importante

Mais uma vez lembramos aos nossos caros assinantes o pagamento das suas assinaturas em atraso. Podem enviar-nos as respectivas importâncias em vales do correio pagáveis na Cova da Iria.

Nós não costumamos fazer as Cobranças da Voz da Fátima.

# O Berço

O berço é a resposta da família ao grande preceito divino: «Crescei e multiplicai-vos», que o Senhor impôs aos nossos primeiros pais e, n'elles, a todo o género humano. É o fim principal e a lei fundamental do casamento.

Deus ama as famílias e as rapas em que os berços florescem e se multiplicam, transformando o Seu preceito numa bênção para aquelles que o observam e cumprem em uma maldição para os seus violadores.

O Senhor ama os berços e os filhos povoados e alegres em que se embalam, pequeninos e animados habitantes.

As avencinhas prepara o Senhor uma morada bem fofa e bem quente sob as asas, da mãe. Mas para com os filhos dos homens, mostra ainda mais solicitude e carinho: põe junto deles a ternura maternal, a mais perfeita imagem do Seu amor infinito; e no seu corpinho tenro cria uma alma imortal. Chamam os ao baptismo, e por este sacramento tornam-se Seus próprios filhos, herdeiros do reino do Céu. Junto das crianças, verdadeiros anjos da terra, o Senhor coloca amorosamente os anjos do Céu, anjos da guarda para velarem pelo seu futuro.

O futuro duma criança! Eis a preocupação constante dos pais e de todos os que a amam. A volta de cada berço há vários mões que sonham e ambicionam a felicidade do pequenino ser que o ocupa. A Mãe que lhe deu o ser e o alimenta com o seu próprio sangue, que o embala com as suas canções ou o lava nas suas lágrimas, a mãe que o abençoa e lhe dá a vida divina — a Santa Igreja e ainda aquela cujo futuro está ligado ao seu próprio futuro — a Pátria. No coração de cada uma d'ellas existem grandes ambições nascidas do grande amor pelo pequenino anjo da terra.

Mas maior, mais vasto e mais terno é o amor do Pai celeste que o criou: lhe deu uma alma imortal, o resgatou e elevou à dignidade sublime de filho de Deus.

Por isso Deus concede aos esposos uma grande honra associando-os à Sua obra criadora, à Sua Paternidade: chamando-os a povoar o céu de almas eleitas. E desta honra tão grande deriva naturalmente o dever de não deixar extinguir a chama da vida que receberam dos seus antepassados para a transmitir aos seus descendentes.

É um grande e grave pecado oppor-se aos desígnios do Criador, estabelecendo a solidão e o nada onde Ele queria semear a vida e a alegria, recusando a existência a tantos seres que o Senhor por eles queria chamar à vida.

A Santa Igreja e os seus santos proferem grandes anátemas sobre estes autênticos criminosos que escapam tantas vezes às leis civis, mas não podem fugir à lei e justiça de Deus.

É um grande crime desviar o casamento da finalidade que o legitima e enobrece.

Deus abençoe e fecunde as famílias da nossa terra e encha os berços vazios de tantos lares!

Moss.

## O ALMANAQUE DE NOSSA SENHORA DA FATIMA — 1944

tem 164 páginas ilustradas, publica utilidades que interessam a todos. — Custa 1\$00.

Não se atendem pedidos que não venham acompanhados da respectiva importância e não se aceitam para pagamento selos de recibo. Pelo correio mais \$50 por cada 5 exemplares. Descontos especiais aos revendedores.

Pedidos à Administração da «Stellina» — COVA DA IRIA (Fátima).

# Voz da Fátima

## DESPEAS

Transporte ... ..	2.396.688\$48
Papel, comp. imp. do n.º 246 ... ..	23.664\$60
Frang. Emb. transporte do n.º 246 ... ..	5.978\$15
Na Administração ... ..	330\$00

Total ... .. 2.426.550\$21

## Donativos desde 15\$00

Joaquim Paulo Nunes, Fundão, 40\$00; Condessa de Safira, Montemor-o-Novo, 15\$00; D. Lucrecia Conceição Malheiro, V. de Punhe, 20\$00; P.º Agostinho Nunes Nogueira, Nisa, 110\$40; D. Maria Agrela Pinheiro, Campo Maior, 20\$00; D. Olinda Eugénia V. Gonçalves, Pôrto 20\$00; Visconde de Vilarinho S. Romão, 20\$00; José Pires Pereira Júnior, Montijo, 15\$00; André Chichorro Marção, Montforte, 20\$00; Cristóvão Fernandes, Nova Góa, 37\$50; P.º Lino C. Torres Lisboa, 20\$00; D. Angelina Dias do Espírito Santo, Lisboa, 40\$00; D. Maria da Assunção R. da Silva, Reguengo Grande, 50\$00; D. Margarida Pinto, Oliveira do Conde, 40\$00; D. Isaura Ribeiro, Faro, 20\$00; D. M.ª Amélia de Mascarenhas, Colnbra, 20\$00; D. M.ª da Assunção Cabral, Lisboa, 20\$00; Enfermeiro Cheje, II. Júlio de Matos Lisboa, 20\$00; D. Ana Virginia Formigal Moraes, Sintra, 20\$00; D. Catarina Sant'Ana Marques, Elvas, 20\$00; Mons. Sabino P. Pereira, Santarém 20\$00; Manuel Silva M., Moncova, 20\$00; Coronel Faria de Azeu, Penafiel, 15\$00; D. Joana de Oliveira Meneses, Pôrto, 20\$00; Fernando de Meio Lopes, Pôrto, 40\$00; D. Maria Luisa Costa, Belém, 15\$00; Manuel António Barros, Rio Tinto, 20\$00; D. M.ª Isabel Baptista, Évora, 40\$00; Manuel Correia Bernardino, S. Paulo, 15\$00; Henriqueta S. Gomes, Braga, 20\$00; José Garcia Dutra, Madalena, 20\$00; Anónimo, Ourense, 50\$00; Francisco Monte Gomes, Covilhã, 25\$00; D. Amélia Augusta Cardoso de Moura, Eira, 20\$00; Joao Seguro Pinto, Capinha, 20\$; D. Emilia Bezerra, Horta, 17\$5; P.º Francisco Vasconcelos, M. de Cambra, 15\$00; D. Maria Carolina de Borbom P. de Melo, Pôrto, 50\$00; D. Elvira de Carvalho, Lisboa, 50\$00; D. Maria Júlia, Agular da Beira, 20\$; D. Maria Helena Diogo, C. da Rainha, 17\$00; D. Maria Palmira M. Veiga, P. de Numão, 15\$00; D. Maria M. Santos, Pôrto, 20\$00; Manuel Rodrigues Valente, Avelro, 20\$00; P.º Antonio Carreira Poças, Valado, 20\$00; António Mendes Cavaleiro, Colnbra, 20\$; Serafim Pinto Almeida, Fiães, 15\$00; Virgílio Reis, Angra, 20\$00; D. M.ª da Conceição G. Sousa, Lisboa, 15\$00; D. Maria Ermelinda das Dores, Louzã, 30\$00; P.º João Costa Campos, Canas de Senhorim 50\$00; D. M.ª José Martins Filipe Príncipe, Lisboa, 20\$00.

# Palavras mansas

## Um Prelado

Mons. Irurita era Bispo de Barcelona nos dias calamitosos da república marxista.

Bispo segundo o coração de Deus e o coração da Espanha, que ele servia e amava.

Barcelona é uma diocese sufragânea de Tarragona, como o Pôrto é também uma diocese sufragânea da metrópole de Braga, o que nos mostra, mais uma vez, que a demografia não anda sempre em boas relações com a história.

Um enorme desenvolvimento industrial, favorecido e estimulado por um dos portos mais vastos e acolhedores do Mediterrâneo, fez de Barcelona, rapidamente, a maior cidade em população e riqueza, do Levante peninsular. Sucedeu por isso, no pontificado de Leão XIII, ser cardeal o Bispo Mons. Casanas, sem que o fôsse também o seu metropolitano, arcebispo de Tarragona, como no Pôrto e Braga, no tempo do cardeal D. Américo. A importância da residência neste ou naquele momento, não passa despercebida a quem vê, lá do alto, o Bispo residencial.

Mons. Irurita, de tão edificante e saudosa memória, pastoreava o seu rebanho com um zelo temperado para as grandes inolações e ainda bem. Os dias eram tão maus, que se espalhou rapidamente por toda a diocese aquela neblina política e social que favorece sempre a voracidade dos lobos.

Barcelona vivia então em plena euforia separatista. Pelo estatuto concedido pelo governo de Madrid, com a aprovação das côrtes, a Catalunha constituía uma república autónoma com parlamento e governo próprio. No ensino, designadamente na Universidade, o idioma espanhol e o dialecto catalão. Para a presidência da jovem república foi logo eleito Companys, portador de grandes ambições e de apagados talentos.

Era o principio do fim, passo decisivo para a realização do sonho da plena independência.

As vozes que, no parlamento combateram vivamente o estatuto, foram abafadas democraticamente pelos votos facciosos da maioria republicano-marxista. O discurso vigoroso e ardente, que então proferiu Calvo Sotelo serviu apenas para lhe apressar a morte...

Tôdas as reacções, ainda as mais violentas, eram de temer da parte daquelles que jogavam aos dados da politica a unidade da Espanha.

Ainda na vigência da monarquia e durante anos, Barcelona tornou-se lamentosamente célebre pela explosão interminável de petardos anarquistas e pela pratica sistemática

do crimes de carácter politico e de carácter social. Tiveram um re'êvo pronunciadamente trágico e projecção mundial o atentado contra o Bispo da diocese, Mons. Casanas e o atentado contra D. António Maura, que, em dias de terror, levou à capital da Catalunha Afonso XIII.

Acesa a guerra civil espanhola, espanhou-se logo entre os separatistas de Barcelona um medo pânico de toda e qualquer reacção de carácter conservador. Como a jovem república farejava por toda a parte traições e hostilidades, simples suspeitas e meras aparências bastavam para justificar as mais repulsivas violências.

Até que um dia, neste ambiente de terror, prenderam Mons. Irurita e levaram-no, sabe Deus como, para a vila de Moncada, onde ficou detido com outros desventurados, suspeitos ao comando russo, e ao comando maçónico. Por ser quem era, sempre igual a si mesmo, o Bispo foi naturalmente entre todos o mais oprimido e vexado. Em pleno século XX, mais uma imagem, profundamente comovedora, de Nosso Senhor Jesus Cristo no Pretório...

Sem qualquer forma anterior de processo, uma noite levaram o Prelado e os seus companheiros do prisão, 18 ao todo, à coronhada, para o cemitério de Moncada. Abriram

(Continua na 4.ª página)

# Crónica Financeira

Diversas autoridades militares proclamaram na passagem do ano que a guerra acabaria neste de 1944. Como a guerra é cheia de surpresas (e nem sempre agradáveis) só Deus sabe quando ela acabará. Mas acabe quando acabar, a verdade é que as dificuldades por ela criadas continuarão a affigir-nos ainda por muitos anos. Para os povos em guerra, a suspensão das hostilidades será supremo alívio, porque cessa o perigo das baías e as dificuldades económicas começam imediatamente a diminuir para elles, embora tenham de passar anos antes que desapareçam de todo. Para os países neutros o caso muda, como é fácil de ver.

A França, por exemplo, logo que as hostilidades cessem, cairá sobre o mercado espanhol e sobre o português para comprar tudo quanto possa, porque tudo lhe falta. A Inglaterra fará o mesmo, porque nós e a Espanha somos os seus mais próximos vizinhos. É verdade que esta pressão será pouco duradoura, porque as Américas entrarão logo em cena com as reservas dos seus formidáveis mercados. Mas como nós estamos mais perto, o primeiro embate será sofrido pelos países europeus que a guerra tiver poupado.

Dir-se-á que os neutros, como Portugal e Espanha, se podem defender, proibindo as exportações ou, pelo menos, embaraçando-as, e este certo ponto assim é. Mas a verdade é que os países neutros estão faltos de muitas mercadorias que habitualmente importavam e cujas reservas ou se esgotaram já ou estão no fim. Por exemplo, o ferro, outros metais em Portugal.

O Comércio há-de querer refazer os seus stocks, como agora se diz, logo que possa, o mesmo sucedendo às indústrias no que respeita às matérias primas. Se os países neutros fechassem as portas à saída das mercadorias, fechadas ficavam para os entrados, o que seria péssimo negócio. Para que o nosso comércio e a nossa indústria possam sair-se, no fim da guerra, no estrangeiro, é preciso que o estrangeiro por sua vez possa vir sair-se a Portugal dos produtos agrícolas e das matérias primas que habitualmente nos comprava. Isto dará fatalmente uma alta de preços que tornará ainda a vida mais difícil para quem vive de rendimentos fixos.

A alta de preços que se deu no fim da outra guerra teve dupla origem, porque foi devida, por um lado, às razões que acabamos de expor; e, por outro, a superabundância de dinheiro que os Governos de então tinham emitido para cobrir os despesas públicas. Agora temos ainda maior superabundância de dinheiro provocada pelos saldos colossais da nossa balança de pagamentos, de modo que no fim da guerra teremos a mesma alta de preços verificada no fim da outra, porventura ainda mais agravada.

Na outra guerra, o lavrador pôde fazer bom pé de meia que depois lhe valeu quando o vento virou. Agora as coisas mudaram e não se se o poderá fazer... Num país culto, a lição dos produtos resinosos bastaria para abrir os olhos à lavoura. Mas a lavoura portuguesa infelizmente não tem elites cultas que a dirijam e essa falta pode sair-lhe muito caro.

Pacheco de Amorim

Quando precise dum jornal diário, o católico deve pedir sempre as «Novidades».

Máquinas eléctricas «OREL» para reparação de MEIAS

**SOCOEL**  
R. do Crucifixo, 76-3.  
Telefone 2 7937 — LISBOA

**Liquidação!**

## Total de Malhas e Fazendas lá!

- 3 lotes casacos diversos, malha lá estambre, eram do dôbro liquidam-se por esc. **115\$00, 82\$00 e ... .. 59\$00**
  - Blusas lá peluche, e/bordados a côr liquidam-se por Pulover lá pura-p.º homem, liquidam-se por ... .. **27\$50**
  - Fantasia lá para vestidos saia e casaco liquidam-se por **28\$50, 16\$50 e ... .. 10\$00**
  - Fazendas muito grossas p.º casaco liquidam-se por **49\$00 e ... .. 39\$50**
  - Camisolas boa felpa p.º homem, **46\$00, 38\$50 e ... .. 27\$50**
  - Meias seda gase. m/finas s/defeitos **10\$50 e ... .. 8\$50**
- É muitas outras qualidades em liquidação!
- Aproveitem! Isto dura pouco! **Proveite e lhas, enviamos amostras e tudo contra reembolso.**

**A COMPETIDORA DAS MEIAS**  
R. Arco Marquês do Alegrete, 39-1.º Lisboa

(escada própria — Próx. ao Rocio).

**FAÇA AS SUAS COMPRAS A PRESTAÇÕES SEM AUMENTO DE PREÇO**

— NA —  
«SOCOEL» R. do Crucifixo, 76, 3.º (ascensor)  
Telefone 2 7937 LISBOA

## CALENDARIO DE NOSSA SENHORA DA FATIMA — 1944

O mais lindo, o mais artistico e o mais interessante calendário que se publica em Portugal.

Cada exemplar 1\$00. Pelo correio 1\$30 em selos ou em vale postal.

Pedidos à Administração da «Stellina» — COVA DA IRIA (Fátima).

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

## O mais sensacional livro dos últimos tempos VIDA DE JESUS

do eminente escritor brasileiro PLÍNIO SALGADO

Uma admirável vida de Jesus que não tem par em nenhuma outra literatura estrangeira.

Um belo volume com ilustrações de Lino António, de 682 páginas, ao preço de Esc. 60\$00. Tiragem especial de 150, ricamente apresentada, ao preço de Esc. 180\$00.

A VENDA EM TÔDAS AS LIVRARIAS DO PAIS E NA SEDE DA EDITORIAL ATICA, Rua das Chagas, 23 a 27, Lisboa. Tel. 2 0642

**Medalhas Religiosas**

encontra-se à venda no Santuário da Fátima, toda a edição das preciosas medalhas religiosas, assinadas pelo escultor **JOÃO DA SILVA**

# Graças de N. S. da Fátima Mais vale tarde...

## AVISO IMPORTANTE

**Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados medicos quando tratem de curas.**

**De contrário não serão publicados.**

## NO CONTINENTE

Irmã Maria J. de Jesus, da Or. Franciscana, natural de Vila Verde do Alentejo, Segóvia, Espanha, e residente em Gavião, diz haver trinta e dois meses que vinha padecendo de uma grave enfermidade no aparelho digestivo que os medicos declararam incurável. Em tal estado, escreve, a Rev. Madre Superiora, decidiu levar-me a Fátima a implorar da Santissima Virgem a saude. Ao chegar a Paroquia da Fátima o automovel avariou-se, e enquanto o arranjavam, a Madre Superiora foi fazer oração junto do túmulo da menina Jacinta, pedindo a sua intercessão junto da Santissima Virgem para me obter a desejada saude. Quando a Madre voltou entregou-me uma petala de rosa, que havia colhido no túmulo da Jacinta. Quis beijar a petala e sucedeu que ao tocar os labios sobre ela, nesse mesmo momento vim-me livre da enfermidade.

### SEGUE-SE O ATESTADO MEDICO

Julio Gonçalves Cerejeira, medico municipal, do Concelho de Gavião, atesta pela sua honra que a Irmã Maria de Jesus, residente nesta vila de Gavião, soffre de pto. e gastrica e intestinal com perturbação do simpatico abdominal que a impediam frequentemente de trabalhar e a obrigavam a dieta permanente. Desde 13 de Maio deste ano, depois da sua estada em Fátima, como de tudo sem sentir qualquer mal-estar e trabalha e faz a sua vida de comunidade sem qualquer restricção. Por ser verdade e ter-lhe sido pedido passa este atestado que assina  
Gavião, 1 de Setembro de 1943.  
Julio Gonçalves Cerejeira.

### Declaração do Rev. Pároco

P. Armand da Conceição Piedade, pároco da freguesia de Nossa Senhora da Assunção, de Gavião, diocese de Portalegre atesto que a Irmã Francisca da Divina Pastora, Maria de Jesus, residente no Hospital desta vila, era doente, tinha uma dieta rigorosa e necessitava de tomar alimento imediatamente depois da Sagrada Comunhão, por não poder esperar que terminasse o Santo Sacramento da Missa, nem cumprir as obrigações do seu estado, estando bastante tempo de cama por necessidade. Desde a sua ida a Fátima, em 13 de Maio ultimo, julga-se completamente curada, comendo de tudo e sem sentir o menor incomodo, faz a sua vida habitual, como se nunca estivesse doente e por ser verdade passo o presente que assino e juro in fide pároco, Gavião, 19 de Dezembro de 1943 - O pároco, P. Armand da Conceição Piedade

D. Henriqueta Luisa Canelas, professora officia de Via Velha de Rodão, como prometeu, vem tornar publico o eterno agradecimento a Virgem Nossa Senhora da Fátima por lhe ter feito a graça de lhe curar a sua filha Lili. O Paulo Cardoso de 12 anos de idade. Tendo esta menina sido operada de apendicite aguda, 48 horas depois da intervenção cirurgica ja ninguem contava com ela, pois tão evidente se tornaram os sintomas da morte proxima. Cheia da maior angustia a sua mãe caiu então de joelhos junto ao leito da filha moribunda pedindo a intercessão da Santissima Virgem da Fátima, que lhe conservasse a vida da sua unica filha. Enquanto a sua oração ouviu a filhinha que havia pouco não conhecia ninguém e que ja agora lhe dizia: «Mama, pega, pega por mim que ja me estou a sentir melhor». Efectivamente desde essa hora as melhoras foram-se acentuando e, dentro dum mês, estava completamente cura-

da. Mãe e filha foram já ao Santuario da Fátima dizer o seu muito obrigada a Nossa Senhora e oferecer-lhe uma avultada esmola em acção de graças

P. Francisco Vasconcelos, pároco de Rógo, Macieira de Cambra, diz que Constança Rodrigues, de 16 anos de idade, daquela freguesia, obteve de Nossa Senhora da Fátima uma graça extraordinaria confirmada pelo atestado clinico que segue: «Augusto Correia do Ameral, medico cirurgião, pela Escola Medica, Cirurgica do Porto. Atestei o compromisso de honra que, Constança Rodrigues, solteira, doméstica de 16 anos de idade, filha de Margarida Rosa de Jesus, solteira, residente no lugar da Moreira, freguesia de Rógo, concelho do Vale de Cambra, soffreu durante dois meses, desde 6 de Janeiro de 1942 até principio de Março do mesmo ano, de um hygroma da bolsa pré-rotuliana, que se curou espontaneamente, sem ser preciso uma intervenção cirurgica, como o costume. Por ser verdade passo o presente que assino Vale de Cambra, 20 de Março de 1943. Augusto Correia Amaral»

D. Custódia Maria, Lavre agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura do seu afilhado Henrique, de aos 20 meses adoeceu com uma enterite bastante adiantada, conforme o parecer do medico. Principiou uma novena a Nossa Senhora da Fátima e ao Sagrado Coração de Jesus, dando a beijar ao petiz uma estampa de Nossa Senhora e sucedeu que de de logo principiou a melhorar e ficou curado. Além desta agradece outras graças que diz ter obtido por mediação de Nossa Senhora da Fátima.  
José Antonio de Araujo, Vila do Conde, diz que, tendo-lhe aparecido um tumor na barriga da perna esquerda recorreu a Nossa Senhora da Fátima e curou-se sem que o tumor rentasse. Por isso vem agradecer a Nossa Senhora

## NOS AÇORES

D. Maria Fenna Garcia Outra Nunes, Madalena do Pico, diz que, tendo adoecido e seu marido Carlos G. Dutra, a assistência de medicos a abandonou; pediu a Nossa Senhora da Fátima que lhe viesse a sua familia curada e emiérno. Foi atendida, pois o seu marido curou-se. Vem publicamente dizer o seu muito obrigada a Nossa Senhora.

D. Maria A Palm Valadao, Angra agradece a Mãe Santissima a cura do seu filho que durante tres anos soffreu de uma inflamação na cabeça; ja sem esperanças de medicina, recorreu a Nossa Senhora da Fátima como mediadora ante o Sagrado Coração de Jesus e obteve a graça desejada, pelo que vem manifestar deste modo o seu reconhecimento a Mãe do Céu.

D. Emilia Bezerra, Cedros Fial, diz: «Venne por este meio, muito reconhecida, agradecer a Nossa Senhora do Rosário da Fátima, além de muitas outras graças obtidas, a cura duma infecção que a minha enteada Florinda teve numa perna fez tratamento durante alguns meses sem resultado algum. Um dia o medico a sistente disse ser necessario ir para o hospital a fim de a perna novamente ser aberta e o osso raspado»

Senti uma afflicção grande por ver que ella podia perder a perna e cheia de fé e esperança implorei a protecção da Saude dos enfermos e Consoladora dos Anjos bem como do Beato João de Bruto. Ella deu entrada no Hospital. Tirada uma radiografia esta nada accusou no osso. Veio em seguida para casa, continuando o tratamento anterior. em pouco tempo encontrou-se curada»

**Agradecem graças muitas e diversas, obtidas por mediação de Nossa Senhora da Fátima**

D. Maria Claudina de Serpa, Madalena.

D. Maria Augusta Cardoso de Fátima, Vila da Ria.

D. Maria da Conceição Mendes Marques, Gondomar.

D. Catarina Estanislau, Beja.

D. Palmyra Fischer, Figueira da Foz.

D. Maria de Jesus Gomes, Lagos das Flores.

Domingos Alves Barbosa Maciel, Barcelos.

Vito Mergulhão, Salceto.

D. Cacilda de Jesus Dias, V. P. de Agular.

D. Maria Luisa, Vila Nova de Lisboa.

D. Deolinda Marques Gonçalves Cesar, Castelo Branco.

D. Maria Júlia, Fontarcadinha, A. da Beira.

Armindo Borges Marques, Farnalção.

D. Madalena de Piedade, Lisboa.

D. Clementina de Jesus Ferreira Lisboa.

D. Maria Clarisse Metelo de Moura Valentim, Sandomil.

D. Alice de Azevedo F. Santarém, Sintra.

D. Hermina Joaquina de Faria, Estrela.

D. Alice Joaquina de Faria, ibidem.

João Machado da Silva Lima, ibidem.

D. Maria Jovita C. Monteiro, Elvas.

J. de Menezes Puncnal.

D. Maria Rosa Ribeiro, Ribeira Preta, Brasil.

D. Ines Torres Vizeia.

D. Maria Rodrigues, Viana do Castelo.

Jose de Freitas Lima, Guimarães.

Antonio Luis Meireles, Gaia.

D. Rita Fagundes Valadao, V. Nova Terceira.

D. Mariana Augusta de Lima, ibidem.

D. Maria de Conceição Gomes Serra Arrotesa.

Antonio Pires C., Esposende.

D. Maria Emilia Ferreira, Sobradão da Paiva.

D. Maria da F. de Noronha, Castelo de Paiva.

D. Maria de Assunção Miranda, Marco de Canaveses.

D. Luzia Alves, Vieira do Minho.

D. Joaquina Mendes Vitoria de Castro, Alpedrinha.

D. M. Angelica Preciosa Vaz, Lourenço Marques.

D. Rita Caldeira Diniz, Tabuaço.

D. Zulmira Evangelista, Monção.

D. Esperança Gomes de Pinho Ovar.

D. Palmira M. Salome, Biscailos.

Julio Ribeiro, Lisboa.

D. Laura Teixeira de Vasconcelos, Aróuca.

D. Laurina Fragoso Rei, Teixeira.

D. Adozinda Neves, Alfândega de Fe.

D. Cecília Azevedo Torres Freire, Veiros, Estarreja.

D. Violante Jobrou o guardanapo, num gesto que dizia muito para quem lhe conhecia a vivacidade do génio, mas contentou-se em repetir as palavras do marido:

«Temos de dar uma solução á vida!»

Era de facto insustentável a situação a que, havia já cerca de dois anos, se viam reduzidos: o ordenado dele insufficiente para as despesas da casa que ella nunca soubera dirigir. E as dívidas que, de comêço, se contraíam timidamente, multiplicavam-se já sem reboço, quasi com naturalidade.

Naquella noite, porém, tendo-se levantado da mesa as duas filhitas, Joaquim Henriques falou claro á esposa: as coisas não podiam continuar assim. D. Violante quis atachá-lo com o seu estribilho favorito: «Deixa que tudo se lá-de arranjar»; seguiu-se uma curta discussão, algumas palavras mais duras dum lado e algumas lágrimas do outro, até que se ficava de acôrdo — quanto possível — na necessidade de arripiar caminho.

Mas como?

Era também a pergunta que, no jardim, alagado por um luar clarissimo quasi até aos recantos mais sombrios, se faziam. Josefina e Matilde, com uma gravidade que assentava mal nos seus breves anos: 12 e 10.

Não era a primeira vez que surpreendiam os pais em desacôrdo e nunca o motivo lhes parecera senão a falta de dinheiro. E fazia-lhes tanta pena, ambas soffriam tanto quando ouviam os pais altercar ou pior ainda, quando elles mal se dignavam a palavra, como se fossem pessoas indiferentes, ou inimigas!

Josefina torcia e retorcia entre os dedos nervosos uma haste do jasmim, que movia lentamente a viração o seu vulto cheio e esbranquiçado; Matilde, de olhos ao alto dir-se-ia procurar nas estrélas a almejada solução.

Foi, todavia, a mais velha que, após uns momentos de silencio absoluto, falou como inspirada:

«Se o dinheiro não chega, é que se gasta demais. E se não podemos ter mais dinheiro, podemos ter menos despesas. Queres tu ajudar-me, Tilde?»

«Sim! — responde a outra no mesmo generoso impulso — mas como?»

Era ainda a terrível pergunta; Josefina porém não se atrapalhava:

«A primeira coisa é convencer a mãezinha de que podemos passar sem criada.»

«Sem criada?!...»

«Sim, e então? A avó e a tia também não têm criada e nem por isso deixam de se arrumar, e bem!»

«Melhor até, que já lho ouvi dizer. E então agora com a falta de comiditas...»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

«Mas a mãezinha... Não... Não tenho esperança nenhuma!»

«Pois eu tenho-a toda! Mãos a obra!»

«Pois! Sempre chega melhor para duas que para três!»

# Outros Cristos

Um dia a voz meiga e suave de Jesus ressoa na alma duma criança. Fala-lhe no silêncio da oração, muitas vezes no colóquio íntimo durante a acção de graças após a sagrada Comunhão. E como outrora a Pedro, repete-lhe também:

— Amas-Me?  
— Sim, Senhor, Vós sabeis que Vos amo.

— Pois bem se queres provar-Me o teu amor, ama as almas por quem sofri paixão e morte na cruz. Consagra a tua vida à sua salvação. Empresta-me os teus lábios para lhes pregar, a tua mão para as abençoar e absolver, os teus pés para correr em busca da ovelha transviada. Sé meu sacerdote e meu apóstolo, que-ros?

— Sim, Senhor.  
— Mas, meu filho, é preciso sofrer, renunciar às alegrias da família, e aos prazeres do mundo. Serás caluniado, perseguido por causa do meu nome. Podes beber este cálic?

— Sim, meu Deus, e se às vezes a minha mão desfalecer e os meus lábios tremberem, recordar-me-ei que Vós bebestes este cálic antes de mim para minha salvação: Tomá-lo-ei e bebê-lo-ei por Vosso amor — *calicem salutarem accipiam.*

Por Vós renunciarei às doçuras do lar. Sereis a parte da minha herança e do meu cálic — *Dominus pars hereditatis meae et calicis mei.*

Vós, unicamente Vós, povoareis e iluminareis a minha querida solidão. E para ter a força de beber a taça das amarguras, beberei todas as manhãs o cálic sagrado do altar. Não colocarei as minhas fraquezas que Vós transformareis em graças e alegrias. Inebriar-me-ei com o Vosso amor. Oh! cálic bendito, como tu és precioso e como a tua doçura inebria a minha alma! *Cálic meus inebrians quam preciarus est!*

Todas as manhãs Vos farei descer sobre o altar e do altar ao meu pobre coração para que, alentado com o apêlo dos fortes, eu tenha na verdade a força para resistir às tentações do inimigo, para vencer as tentações do mundo e me levantar da minha própria fraqueza e miséria.

Eu vi, Senhor que o Calvário é doloroso de subir. Eu sei que o sofrimento é o maior quinhão da humanidade. Tarde ou cedo o anjo da dor aparece ao homem e oferece-lhe o cálic que ofereceu a Jesus no Horto de Gethsémani. A natureza revolta-se então. A alma perturba-se e entristece-se até à morte. Os lábios instintivamente se afastam da taça terrível e o coração desalentado murmura: «Mou Pai, afastai de mim este cálic!» E aos sofrimentos que são comuns a todos os homens vêm juntar-se, para o sacerdote, outras provações especiais: o duro trabalho da conversão e salvação das almas, o ódio a que está exposto por causa do Vosso nome, a dor de ver a cruz insultada, as almas que se perdem e que Vos crucificam de novo.

Mas eu sei também, Senhor, que o sofrimento se transformará para nós em felicidade eterna onde participaremos da Vossa glória infinita.

E já neste mundo o sofrimento nos reveste dum carácter sagrado, tornando-nos hóspedes sangrentas unidas à grande Hóstia divina; vítimas propiciatórias pelos nossos pecados e pelos dos nossos irmãos, outros Cristos para maior glória do Pai celeste e para salvação da pobre humanidade. Por isso jubilosamente repetimos convosco — *Fiat!* Faça-se, Senhor a Vossa Santíssima Vontade.

## CONVERSANDO

# O Pão nosso de cada dia...

Saiu directamente dos lábios de Jesus a oração do *Pai Nosso*. Nela se nos ensina a pedir o que mais importa à sustentação duma vida normal, que o mesmo é que dizer cristã: «o pão nosso de cada dia nos dai hoje».

Vem-nos especialmente à lembrança este passo em face da intranquilidade que se nota geralmente pela posse e administração dos bens.

Quve-se frequentemente em sobressalto: Em que aplicar com segurança as economias que se têm?

E, formulada angustiosamente esta pergunta, uns lançam-se à compra de prédios urbanos, outros à de prédios rústicos e ainda outros à de títulos de crédito. Há quem se incline para valores estrangeiros de preferência a valores nacionais, e vice-versa. Alguns julgam de maior segurança as aquisições de ouro ou prata, nas modalidades de moeda, joalharia ou barra. Muitos recorrem a outras espécies. Todos, porém, numa desconcertante dúvida, ficam à espera de preços a prazos mais ou menos longínquos, e por fim, quasi sempre, surgem as inevitáveis desilusões de redução que vai por vezes até ao desaparecimento de fortunas... É que, na terra, no dizer forte do Padre António Vieira, nem Deus sobre os altares está seguro!

Garantir o pão de cada dia a capitalizar, para rendimentos sem trabalho directo na produção, foi sempre caminho económico menos aconselhável; mas principalmente nestes nossos dias em que os males sociais aparecem enredados de novos factores.

Não é, pois, esta a mais certa e segura forma de aplicar as economias que se têm. A mais certa e segura é antes a que se faz, a tempo, na defesa da vida e saúde que Deus nos dá; na adequada instrução e educação dos filhos; no aperfeiçoamento da família com a cooperação de todos os seus membros; na aquisição ou conservação de bens, sim, mas para emprêgo directo de trabalho; e ainda na elevação do próximo ao amor da acção útil pela disciplina mais eficaz.

O que não seja assim é precário e fugidivo; o homem só pode ser verdadeiramente rico pelo que pessoalmente vale, e, quando não vale, não há bens nem poder que lhe dure.

Isto foi sempre a verdade; hoje, porém, ressalta mais empolgante diante do crescente aumento das necessidades sociais, a maior parte das quais os antigos nem sequer conheceram ou sonharam. As novas técnicas trouxeram ao trabalho formas que, pela sua complexidade, o tornam menos acessível à concorrência, impondo previamente, além duma especial selecção nas aptidões individuais, aprendizagens longas e difíceis... Hoje sobretudo. Os regimes de morgadios como privilégio de uma ou outra pessoa com os rendimentos a correr, sem

trabalho e apesar, por vezes, de escandalosas dissipações, já não são possíveis. Os impostos de transmissão, as expropriações por utilidade pública e outras múltiplas e variadas limitações de direitos, fazem da propriedade privada um como santuário augusto onde só podem entrar e estar os que se dispõem ao trabalho e à prática das virtudes individuais que dão a dignidade humana.

A propriedade não é já para ter-se como simples supérfluo, nem como objecto para avareza, nem como reserva para esbanjamentos, mas para ser o que necessariamente tem de ser: uma função social a exercer-se pelo proprietário e família, no seu próprio interesse, ao mesmo tempo que no interesse geral.

E assim melhor se esclarece e avulta o doce ensinamento de Jesus: «o pão nosso de cada dia nos dai hoje».

E assim também melhor se entende o ardente clamor do *Livro dos Provérbios: não me des, Senhor, nem miséria nem riqueza; dá-me só o que for necessário para viver.* Cap. XXX — 8.

Mas o próprio Jesus nos deixou ainda estas palavras de eterna luz (Evangelho de S. Lucas): «Ninguém tem a vida na abundância dos bens que possui; e mais adiante em correlação: «procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça; e tudo o mais vos será dado por acréscimo».

Infelizmente, apesar de tudo, poucos nos apercebemos de que o mundo novo, que se anuncia não pode ser outro, para subsistir, senão o mundo antigo renovado ao sopro divino do Evangelho de Cristo!

13. janeiro

A. LINO NETO

## PALAVRAS MANSAS

# UM PRELADO

(Continuação da 2.ª página)

à pressa uma vala, e depois de alinharem brutalmente os desventurados sobre o cômodo da terra mais próximo do muro do cemitério, fuzilaram-nos à queima-roupa.

Mas deu-se então um caso estranho, quasi inacreditável. Um dos presos, Juan Canela, caiu quando caíram os outros, mas sem que alguma bala o atingisse. O próprio tiro de misericórdia, dado de raspão, levou-lhe apenas parte duma orelha.

Reconhecendo isto, depois de se afastarem, mais negros do que a noite, os assassinos, galgou o muro do cemitério e pôde encontrar uma casa amiga que o acolheu e ocultou até à entrada da Espanha em Barcelona.

Este homem, vivo e são, veio há pouco contar a morte de Mons. Irurita a Mons. Modrego, Bispo actual de Barcelona.

Veio pela mão de Deus fazer este depoimento, que tem o seu quê de além-túmulo...

O corpo do Bispo-mártir foi recentemente trasladado de Moncada à catedral de Barcelona, que ée tornou mais alta e mais luminosa.

## PALAVRAS DE UM MÉDICO

(2.ª Série)

XLI

# Doenças contagiosas das crianças

No número de Outubro de 1943 da revista «Portugal Médico» publicou o Dr. Almeida Garrett, illustre Director da Faculdade de Medicina do Porto e distinto especialista de doenças de crianças, um estudo acerca da maneira de prevenir o contágio das perigosas doenças que atacam a infância.

Vou tentar resumir, em breves e singelas palavras, os preceitos higiénicos aconselhados naquele trabalho.

**Sarampo.** — Esta doença, cujas complicações podem ser muito graves, transmite-se das crianças doentes às sãs por meio das mucosidades da boca e do nariz dos doentes, que, em geral, entram nos olhos das crianças sãs, fazendo-as adoecer.

O período do contágio vai desde que as crianças têm o aspecto de estar constipadas, até que lhes apareçam as manchas vermelhas da pele.

O aparecimento da moléstia dá-se oito a quinze dias depois que a criança esteja em contacto com a doentinha. Para evitar que a doença se pegue, devem isolar-se, o mais rigorosamente possível, as crianças que apresentem catarro ou tosse, os quais podem ser os primeiros sinais do sarampo. Desde que apareça o sarampo numa casa, é muito difícil evitar que ele se pegue às outras crianças.

**Variola.** — Esta doença é muito contagiosa para as pessoas que não tiveram o cuidado de se vacinar e revacinar.

O contágio pode fazer-se desde o início da doença até à completa descamação das pústulas, e, ou se faz directamente pelos doentes, ou é levado pelas pessoas sãs que estão em contacto com eles, ou pelas suas roupas.

As bexigas só atacam as pessoas uma vez na vida.

Essa doença tão grave pode muito bem evitar-se com a vacina. Só em casos raros pode uma pessoa ser contagiada pela variola, se tiver sido vacinada. E, nesse caso, a doença é extremamente benigna.

Ao contrário do que em geral se pensa, o sarampo só pode ter-se uma vez. Essa doença não vem sete ou oito ao pelo, como diz o ditado. O que pode vir é outra doença semelhante, mais benigna (rubéola, quarta doença).

Mas voltemos à variola, ou bexigas.

Quando, por fatalidade, uma criança é contagiada, fica a chocar a doença durante cerca de quinze dias. Só então é que ela se manifesta.

Logo que haja suspeita de contágio numa criança, ela deve ser rigorosamente isolada, para procurar evitar-se o contágio de outras crianças. Só depois que a pele volte a ficar lisa é que a criança variolosa poderá conviver com outras. Mas antes, deverá untar-se a pele com uma pomada antisséptica, fazê-la tomar um banho de limpeza e desinfectar as roupas do corpo e da cama.

Devem revacinar-se, a tempo o

horas, todas as pessoas que estiveram em contacto com o doente.

Assim como o sarampo tem doenças parecidas muito mais benignas (rubéola, quarta doença), também há uma doença parecida com a variola, muito mais benigna que ela: a *varicela*, a que o povo chama *bexigas loucas*.

A vacina não previne tal doença que é extraordinariamente contagiosa mas muito benigna. Pega-se como a variola e o sarampo, mas, em geral, o contágio faz-se logo que a doença aparece numa criança.

Outra febre infecciosa infantil muito grave é a *escarlatina*, que, aliás, não é muito frequente no nosso País. Transmite-se pelas mucosidades da boca, nariz e garganta, e começa por uma espécie de angina, a qual se segue uma erupção de placas muito vermelhas, que lhe dão o nome. O período de incubação da escarlatina é apenas de três ou quatro dias.

Logo que uma criança apareça com sinais de angina, muita febre, manchas vermelhas na pele, deve isolar-se imediatamente, por suspeitas de que se trate de escarlatina.

Durante a doença, cuja evolução é de um mês, deve desinfectar-se a pele, a garganta, as roupas, as urinas e as fezes, etc.

O *tesorelho* transmite-se pela saliva dos doentes, e a incubação é de cerca de quinze dias.

Os doentes podem pegar a moléstia desde o seu princípio até dez dias depois da cura.

Os doentes devem, portanto, ser isolados com o possível rigor.

A *difteria*, e a sua forma mais grave o *gorrotinho*, é contagiada pelas secreções da boca, da garganta e dos olhos dos doentes; mas os convalescentes ainda são perigosos durante um mês. E, por infelicidade, existem pessoas sãs, onde vivem os micróbios do gorrotinho, que podem ser transmitidos a pessoas que vão adoecer.

Todo o caso suspeito deve ser isolado, e, logo que se faça o diagnóstico positivo, deve injectar-se com soro anti-diférico, tratamento muito eficaz.

Depois da doença, deve praticar-se rigorosa desinfecção das roupas e do quarto do doente.

**Coqueluche.** — A terrível *esganeta* transmite-se pelas partículas da saliva expelidas, principalmente, no princípio da doença e fica a chocar durante uma ou duas semanas.

Logo que uma criança começa a tossir, deve, pois, isolar-se das outras, durante quinze dias.

Cuidado com as roupas dessas crianças, no primeiro período da doença!

A *gripe* e a *pneumonia* também se transmitem pelas secreções da boca e nariz. A gripe é extraordinariamente contagiosa e é muito difícil evitá-la em tempo de epidemia.

Também as terríveis *meningites* e a *paralisia infantil* podem transmitir-se pelas secreções da boca e do nariz. Todos os cuidados são poucos, no isolamento e nas desinfecções.

A *febre tifóide* e as *disenterias* são transmitidas pelos doentes, convalescentes, pelas pessoas que os tratam, pelas moscas, pela água contaminada.

Aconselha-se o maior asseio, o isolamento, o uso da água bem fervida. É preciso lavar as mãos frequentemente, desinfectar as roupas, a urina e as fezes dos doentes, combater as moscas.

As desinfecções podem obter-se lavando as mãos com água quente e sabão, submetendo as roupas a barrelos, caçando as paredes, destruindo as moscas, deitando cloro nas fezes e urinas, expondo ao sol as roupas e objectos de uso dos doentes.

A limpezinha Deus a amou, diz o povo, sábiamente...

CORREIA PINTO

Este número foi visado pela Censura

J. A. Pires de Lima

MOSS